

Raiva humana mata. Como evitá-la?

Em setembro, um adolescente pernambucano ficou conhecido como a terceira vítima da raiva humana no mundo que sobreviveu à doença. Transmitida por mamíferos, a zoonose é causada por um vírus mortal tanto para o homem quanto para os animais. No entanto, pode-se evitar o contágio por meio da vacinação de cães e gatos – principais transmissores – e de outras medidas preventivas.

Doença rara e controlada com vacinação

Encefalite viral grave, a raiva apresenta dois ciclos principais de transmissão: o urbano e o silvestre. No primeiro, as fontes de infecção mais comuns são o cão e o gato. No segundo, o morcego hematófago (que se alimenta de sangue). De acordo com o Ministério da Saúde, nas duas últimas décadas houve uma redução significativa no número de casos humanos registrados por ano, caindo de 173, em 1980, para 17 em 2003, sendo o cão o principal transmissor.

Todos os estados disponibilizam, na rede de serviços de saúde, vacina de alta qualidade para a profilaxia da raiva humana, tanto para antes da exposição ao vírus (vacinação, indicada para profissionais que correm esse risco, como veterinários e pesquisadores) quanto para depois de uma potencial infecção (administração de imunobiológicos, o que é eficaz somente antes de o vírus atingir o sistema nervoso central, quando têm início as manifestações clínicas da doença). Atualmente, os casos se concentram nas regiões Norte e Nordeste.

Ainda conforme o Ministério da Saúde, nos últimos dez anos, o aumento de casos de raiva em outros mamíferos, como morcegos, raposas e saguis, e a identificação de variações do vírus apontam para uma mudança no perfil epidemiológico da doença no país, com

a caracterização dos ciclos aéreo e silvestre terrestre, além do urbano e do rural. O ministério está promovendo debates para adotar novas estratégias no controle da raiva, como a que ocorreu no Recife com um adolescente que foi mordido por um morcego e, após quase um ano internado, recebeu alta.

O tratamento do jovem, iniciado em outubro de 2008, contou com a troca de informações entre a equipe médica do Hospital Oswaldo Cruz, o Ministério da Saúde, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças de Atlanta, nos Estados Unidos, e médicos norte-americanos que desenvolveram um tratamento baseado em antivirais, sedativos e anestésicos

injetáveis e conseguiram curar, em 2004, uma paciente na cidade de Milwaukee. O tratamento ficou conhecido como Protocolo de Milwaukee.

O senador Augusto Botelho (PT-RR), que é médico, alerta para a importância da vacinação dos cães e gatos e recomenda que a pessoa mordida por animal selvagem ou doméstico procure imediatamente o centro de zoonoses ou um centro de saúde. Ele também ressalta os resultados da aplicação no Brasil do Protocolo de Milwaukee.

– Os casos de cura são exceção. A boa notícia é que o governo debaterá com especialistas mudanças nos protocolos de tratamento da raiva humana – disse.



Campanha de vacinação contra raiva em Alagoas: medida é essencial para evitar que animais contaminem o homem

Transmissão e precauções em possíveis contágios

O Instituto Pasteur, entidade ligada à Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo e voltada para pesquisa sobre a raiva, esclarece sobre a doença e faz as seguintes recomendações para prevenção e tratamento.

Modo de transmissão

- A transmissão ocorre quando o vírus da raiva existente na saliva do animal infectado penetra no organismo através da pele ou das mucosas, por mordida, arranhão ou lambida, mesmo sem agressão.
- O morcego hematófago é um importante transmissor por infectar bovinos, equinos e morcegos de outras espécies, além do próprio homem.

Os tipos da doença

- **Raiva humana**
No início, provoca inquietude, perturbação do sono, sonhos agitados. Em segui-

da, surgem alterações na sensibilidade, queimação, formigamento e dor no local da mordida. Essas alterações duram de dois a quatro dias. Seguem-se alucinações e febre. Inicia-se então, por dois ou três dias, aerofobia e hidrofobia (aversões ao ar livre e à água), com intensidades variáveis, seguidas de crises convulsivas periódicas.

• Raiva furiosa (canina e felina)

No início, notam-se alterações de comportamento, agitação, anorexia. Em três dias, o animal torna-se mais agressivo, atacando o próprio dono. Apresenta falta de coordenação motora, paralisia dos músculos da deglutição e da mandíbula (salivação e dificuldade para engolir). Pode caminhar grandes distâncias. O latido torna-se diferente, parecendo um “uivo rouco”. A duração da doença é de um

a 11 dias. O animal morre por convulsões e paralisia.

• Raiva paralítica (bovina)

Inicialmente, provoca inapetência, lacrimejamento, isolamento e andar cambaleante. Depois, falta de coordenação motora e contrações de musculatura do pescoço, levando a dificuldade de deglutição. O animal apresenta paralisia das patas traseiras. A doença dura de dois a cinco dias, podendo chegar a dez.

Como agir quando for agredido por um animal, mesmo vacinado

- ✓ Lave imediatamente o ferimento com água e sabão.
- ✓ Procure com urgência o serviço de saúde mais próximo.
- ✓ Não mate o animal e deixe-o em observação durante dez dias, para que se possa identificar qualquer sinal indicativo da raiva.

✓ O animal deverá receber água e alimentação normalmente, em local seguro, para que não possa fugir ou atacar outras pessoas ou animais.

✓ Se o animal adoecer, morrer, desaparecer ou mudar de comportamento, volte imediatamente ao serviço de saúde.

✓ Nunca interrompa o tratamento preventivo sem ordens médicas.

✓ Quando um animal apresentar comportamento diferente, mesmo que ele não tenha agredido ninguém, procure o serviço de saúde ou de zoonoses.

Outras recomendações importantes

- Leve seu animal para ser vacinado contra a raiva.
- Mantenha-o em observação quando ele agredir uma pessoa.
- Não o deixe solto na rua e use coleira no cão ao sair.

Deveres do governo (nas três esferas)

- ✓ Oferecer à população profissionais treinados para orientar sobre a prevenção.
- ✓ Vacinar cães e gatos, pelo menos, uma vez ao ano.
- ✓ Capturar cães errantes.
- ✓ Enviar material para exames de laboratório para diagnóstico.
- ✓ Prover laboratórios de condições técnicas para exames de rotina.
- ✓ Controlar a posse ilegal de animais silvestres.
- ✓ Controlar as colônias de morcegos hematófagos.
- ✓ Controlar os focos da doença com medidas de vigilância epidemiológica.

Ocorrência da doença no mundo

- É quase universal. O único continente livre da doença é a Oceania.
- Atualmente, está erradicada no Japão, Reino Unido, Havaí e em algumas ilhas do Pacífico.
- Na Europa, a principal fonte de infecção é a raposa.
- Nos Estados Unidos e no Canadá, é encontrada em animais silvestres.
- Na América Latina, no Caribe, na África e na Ásia, o ciclo predominante é o urbano, e o cão é o principal transmissor.

Projetos de lei priorizam vacinações

O **PLS 667/07**, da senadora Marisa Serrano (PSDB-MS), torna obrigatória a manutenção de estoque das vacinas antitetânica e antirrábica e dos respectivos soros e imunoglobulinas nos hospitais com atendimento de urgência. A proposta foi aprovada na Comissão de Assuntos Sociais e, caso não haja recurso para ser analisada em Plenário, será encaminhada para votação na Câmara.

O **PL 1.619/07**, do deputado Geraldo Resende (PMDB-MS), determina que as prestadoras de telefonia celular enviem mensagem aos seus assinantes sobre a realização de campanhas de vacinação. A proposta deve passar por três comissões da Câmara e, em seguida, segue para análise do Senado.

Saiba mais

Ministério da Saúde

Esplanada dos Ministérios – Bloco G
Brasília (DF) – CEP 70058-900
Disque-saúde: 0800 61 1997
www.saude.gov.br

Instituto Pasteur

Avenida Paulista, 393 – Cerqueira César – São Paulo (SP)
CEP 01311-000 (11) 3145-3145
www.pasteur.saude.sp.gov.br